

Os livros da liberdade

Biblioteca Universitária inclui sentenciados através da doação de livros **p. 10**

Foto: Jones Bastos



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Julho de 2008 - Nº 392

A ressurreição das licenciaturas

Foto: Jones Bastos



Governo federal chama universidades à responsabilidade, e cria programa para melhorar a formação de professores e a educação básica do Brasil - **p. 4**

**Cotas contra o
racismo - p. 9**

Vida na ciência - p. 6 e 7

**Intercâmbio com
resultados - p. 5**

Do Editor

Células da cidadania

"O pré-embrião não acolhido no seu ninho natural de desenvolvimento, o útero, não se classifica como pessoa" (Ellen Gracie, ministra do STF)

As instituições científicas do País e do Estado receberam com entusiasmo e alguma preocupação a legalização das pesquisas com células-tronco embrionárias humanas. A constitucionalidade do artigo 5º da Lei de Biossegurança decidida (6 a 5) pelo Supremo Tribunal Federal (STF), contra a vontade das igrejas, inaugura um novo capítulo na ciência brasileira. Ao mesmo tempo em que tira da gaveta estudos "congelados" desde 2005, injetando esperança na população, desafia a responsabilidade social e política do Poder Público, da sociedade e da comunidade científica.

O Brasil está atrasado em relação a países que há anos desenvolvem pesquisas nesse campo. A distância só será diminuída com maciços investimentos em recursos humanos e infra-estrutura. As agências de fomento do Governo Federal e as fundações de apoio à pesquisa dos Estados terão, portanto, papel vital para dar sustentação à expectativa criada pela lei, uma vez que a iniciativa privada dificilmente responderá a esse apelo à cidadania.

A UFSC não perdeu tempo. Além das pesquisas que vem realizando, está preparada e atenta para os editais nacionais e estaduais que virão acoplados à Lei de Biossegurança, que, segundo destaca o voto do ministro do STF, Joaquim Barbosa, evoca três primados fundamentais da República: laicidade, respeito à liberdade individual e à liberdade de expressão da atividade intelectual e científica.

A raça na Folha. A cobertura é boa, mas o editorial não deixa dúvidas. A *Folha* é contrária às cotas raciais nas universidades públicas. "Uma maneira eficaz e mais isonômica de se lecionar essa população é beneficiar vestibulando da escola pública, sem distinção de cor", defende o jornalão. A proposta do Governo Lula tramita há quatro anos no Congresso. O editorial reconhece, contudo, que "a sociedade brasileira, apesar da propaganda em torno de democracia racial, conserva-se discriminadora".



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

A vida na Copa. O investimento na Copa de 2014 poderia, no mínimo, salvar da morte os HUs.

Campus dos pássaros. Assim como as garças, os quero-queros estão voltando à cidade universitária.

Cotas e contas. Estudo do IPEA prevê que o Brasil terá mais negros do que brancos até o final do ano.

Terapeuta ou gestor? Prata estima que em 90% das audiências tem atuado como uma espécie de terapeuta coletivo, isto é, ouve problemas, busca soluções e injeta entusiasmo à comunidade universitária.

Enchendo as burras! Muito bem divulgado, o Feirão da EdUFSC fez o maior sucesso.



Lula pisa no tomate. A culpa já foi do chuchu. Agora o vilão é o tomate. Os alimentos apresentaram em maio a maior alta mensal (1,95%) desde o início do Plano Real, em 1994. Agricultores e produtores familiares receberão R\$ 78 bilhões do governo para financiar a próxima safra.

Nem baixas nem altas. Guilherme Júlio da Silva deixou a Secretaria de Planejamento e Finanças por recomendação médica. E José Roberto O'Shea saiu da Pró-Reitoria de Pós-Graduação para dar conta dos compromissos assumidos com traduções e pesquisas. Luiz Alberton e Maria Lúcia de Barros Camargo assumiram afinados com as propostas dos antecessores. Ou seja, não haverá processo de descontinuidade.



Fotos: Jones Bastos

JU no Velho Mundo. Jornalista Geraldo Hoffmann, formado na UFSC e trabalhando na Alemanha e na Suíça, está realizando reportagens no Brasil. Da Agecom levou pautas e os últimos números do *Jornal Universitário* (JU).

Peninha. JU circulou na Ilha dos Açores com a matéria especial sobre o centenário de Franklin Cascaes.

Maconheiro? Benny Shanon, cientista em Jerusalém, afirma que Moisés, o profeta, abusou de alucinógenos quando lançou os *Dez Mandamentos* no monte Sinai.

Metrópole. Ficar parado em local suspeito é estar sujeito a bala. Florianópolis entrou, definitivamente, na rota do crime.

Discriminação. Infelizmente o preconceito ainda ronda a polícia, inclusive no trânsito.

Reuniões do Reuni. Descentralização, transparência e Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) mobilizaram a primeira reunião da atual reitoria com os diretores das unidades acadêmicas, isto é, com os 11 centros de ensino, pesquisa e extensão da Universidade. Interiorização, expansão e internacionalização são temas permanentes das próximas reuniões.

Sob nova direção I. O novo presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) é Amaro Henrique Pessoa Lins, reitor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ele substituiu Arquimedes Diógenes Ciloni, da Federal de Uberlândia (UFU). A prioridade continua sendo o fortalecimento do sistema federal de educação superior que, embora legalmente amparado, carece de autonomia no seu cotidiano até mesmo para cuidar das cotas!

Sob nova direção II. A Associação Brasileira das Instituições de Pesquisa Tecnológica (Abipti) tem nova diretoria. Assumiu a presidência Isa Asséf dos Santos. Para presidente da Região Sul foi eleito o ex-reitor da UFSC e dirigente da Fapescc, Antônio Diomário de Queiroz. Aproximar e integrar mais as universidades é um dos desafios.



Foto: Antonio Carlos Mafalda

Pena de Prata. Ao prestigiar a entrega do *Troféu Pena de Ouro*, em Imbituba, o reitor Alvaro Prata deu um passo importante para a integração da UFSC com mais de 200 jornais que divulgam e informam a população do interior. O evento, organizado pela Associação dos Jornais do Interior de Santa Catarina (Adjori), contou com a presença do governador.

Frase

"Essa é uma questão que diz respeito à autonomia universitária" (Reitor da UFPE e presidente da Andifes, Amaro Henrique Pessoa Lins, sobre o projeto que prevê a implantação de cotas nas universidades públicas)

Memória

Em 1998, Hiedy de Assis Correa, o Hassis, realizou a sua última exposição na UFSC. O artista homenageou, no hall da Reitoria, os 250 anos da chegada dos açorianos a Santa Catarina. Funcionário da Universidade, Hassis immortalizou seu talento nas paredes internas da Igrejinha. O artista faleceu em janeiro de 2001.



Foto: Jói Clotison



Expediente

Elaborado pela Agecom -

Agência de Comunicação da UFSC

Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476

CEP 88040-970, Florianópolis - SC

www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br

Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323.

Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:

Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)

Alita Diana (Jornalista)

Arley Reis (Jornalista)

Cecília Carbone Cussioli (Bolsista)

Celita Campos (Jornalista)

Cora Ribeiro do Valle Dias (Bolsista)

Gabriela Santos Bazzo (Bolsista)

Jéssica Limpinski (Bolsista)

José A. de Souza (Jornalista)

Mara Paiva (Jornalista)

Margareth Rossi (Jornalista)

Mayara Vieira (Bolsista)

Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)

Paulo Fernando Liedtke

Thiago Santaella (Bolsista)

Fotografia:

Jones J. Bastos

Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

Editores e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr

Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)

Beatriz S. Prado (Expediente)

Rogéria D'El Rei S. S. Martins

Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Jofafe Comunicação e Marketing Ltda



Democracia e Nação

“Os governos, são como as montanhas: temos que guardar certa distância, para vê-las em toda a sua majestade. As proximidades e paixões do momento cegam as vistas desarmadas de lentes de alcance. Só a perspectiva é que nos pode dar a nítida e exata visão da obra de um administrador.”

Hoje faz 50 anos do desaparecimento de Jorge Lacerda (16.06.1958), governador de Santa Catarina, em virtude de acidente aviatório em São José dos Pinhais (PR). Também foram companheiros deste infortúnio, Nereu Ramos – ex-Presidente da República e Leoberto Leal – deputado federal. Com a perspectiva do tempo, vale ressaltar, o que já se disse do governador catarinense: “O teu governo foi uma legítima escola de Democracia. Jamais permitiste o menor arranhão às liberdades públicas e à livre manifestação do pensamento, mesmo quando este extravasava os limites do bom senso.”

As obras de arte genuínas se diferenciam das demais, na medida em que, com o passar do tempo, dão mais de si, não se esgotam, tornam-se perenes. Continuam atraindo as sucessivas gerações porque dão respostas novas. As outras obras, se esgotam, morrem, caem no esquecimento.

O mesmo, penso que se aplica à boa arte de governo, continua influenciando a inteligência criadora nos tempos atuais. No entanto, para que haja o seu influxo no momento presente é necessária a difusão da memória histórica. Ao conhecer as experiências de outros, já que não podemos viver várias vidas, ampliaram-se os horizontes próprios de sabedoria. Ao ler ou reler os discursos e as

narrativas de vida, como as de Lacerda, dá-se o efeito análogo às obras de arte revisitadas, pois produzem novas inspirações. O contato com as palavras referendadas por narrativas de vida evocam modelos de comportamento e oferecem conhecimentos novos, capazes de suscitar novas realidades.

No programa de doutorado em educação da UFPR, pesquisaram-se as contribuições de Jorge Lacerda para educação, tendo como objeto de estudo os seus discursos, encontrados no livro póstumo: Democracia e Nação da editora José Olympio (1960) e as narrativas de vida, que em parte, encontram-se na biografia escrita por Cesar Pasold (1998): Jorge Lacerda: Uma vida muito especial, da editora da OAB catarinense.

Empregaram-se duas técnicas para identificar estas contribuições: a análise de conteúdo e a pesquisa narrativa, servindo-se da narratologia. Identificaram-se os conceitos subjacentes aos discursos e interpretaram-se os significados em função dos contextos narrativos. Verificava-se a atualidade dos ensinamentos através de conceitos e diretrizes replicáveis. Neste sentido, a obra lacerdiana apresenta características plenamente válidas para a atualidade, no âmbito propriamente educativo, e em outros campos como o da cultura, da arte e da ciência política-administrativa.

Os discursos foram estudados por eixos temáticos, tais como: arte e cultura; educação, valores e interculturalidade; meios de comunicação; missão da universidade; visão de governo, nacionalidade e pátria e unidade econômico-sentimental. As análises permitiram encontrar alguns conceitos norteadores que

perpassam as diversas falas e narrativas, podendo comprovar a realidade da analogia com as obras de arte perenes.

Tais conceitos norteadores foram identificados como sendo: subordinar a técnica aos valores do espírito, cooperação social e cidadã, missão da universidade, visão de futuro e raízes históricas, defesa dos valores democráticos, promoção da inteligência criadora, diálogo intercultural, desenvolvimento econômico e as relações entre capital e trabalho.

Os princípios nucleares que tornam perenes seus ensinamentos consistem na valorização do ser humano em sua liberdade e no compromisso com a prática da justiça social.

Adonias Filho, no prefácio do livro Democracia e Nação, refere-se ao ilustre catarinense: “(...) fixava a liberdade que sempre inunda como uma referência quase todos os discursos. Associando a liberdade à vocação criadora, situando-a como indispensável à inteligência, concluía por sua validade na área social como a mais ponderável na mecânica dos governos. Raros os estadistas que, fiéis a uma concepção ideológica, puderam afirmar como Jorge Lacerda: ‘meu governo presa a justiça e defende a liberdade.’ Não será preciso dizer, já agora, que foi um democrata.”

Revisitar os discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda e de outros brasileiros permite resgatar os conhecimentos provenientes da experiência e dar-lhes vida através da inteligência criadora.

Araci Asinelli da Luz, professora do doutorado em Educação da UFPR

Paulo Sertek, doutorando em Educação

O hábito da **doação voluntária** de sangue

As duas grandes guerras ocorridas na Europa fizeram amadurecer o espírito cívico de doar sangue, que inicialmente teve a finalidade de salvar a vida daqueles que lutavam pela pátria e, depois, transformou esse ato num hábito voluntário, adquirido até os dias atuais. Em nosso país, a quantidade total de doadores de sangue corresponde a menos de 1% da população, ao passo que nos países euro-

peus esta porcentagem equivale a 5%.

Para que a doação sangüínea no Brasil torne-se uma prática espontânea é preciso a ação conjunta e integrada de profissionais não só da área de saúde como também dos diversos setores da sociedade, especialmente dos educadores e formadores de opinião, divulgando os critérios de doação e desmistificando os medos. Não são raras as vezes em que a manutenção da vida depende ex-

clusivamente de uma transfusão de sangue, e para isso, é necessário que os hospitais estoquem uma certa quantidade de bolsas de sangue.

A segurança do sangue a ser transfundido em um paciente depende basicamente da escolha da população de doadores, da triagem clínica e de testes de laboratório para as pesquisas de anticorpos contra agentes transmissores de doenças como AIDS, Hepatite B e C, doença de Chagas etc. É preciso que a população tenha clara consciência de que o ato de doar sangue é imprescindível para salvar vidas e que é absolutamente seguro para quem doa.

Para ser um doador, o indivíduo necessita apresentar um documento de identidade, estar saudável, ter idade entre 18 e 65 anos, peso igual ou acima de 50 quilos, não apresentar fatores de risco, como utilizar algum tipo de droga, manter vida sexual promíscua, etc. O doador submete-se a uma entrevista clínica, na qual é constatada sua aptidão, e permite que a coleta seja processada numa bolsa plástica destinada ao armazenamento de 450 ml de sangue. Amostras de sangue são coletadas para a tipagem sangüínea e também são realizados testes sorológicos com a finalidade de afastar a possibilidade de transmissão de doenças através do sangue.

Vera Lúcia Paes Cavalcanti Ferreira
Hematologista e hemoterapeuta do HU



Campanha promovida pelo HU levou doadores à reitoria nos dias 11 e 12 de junho, resultando na coleta de 197 bolsas de sangue

A hipermídia

na disseminação do conhecimento

Muitas pesquisas já foram feitas para tentar esclarecer como as pessoas aprendem e como elas não aprendem. Aprendemos fazendo, analisando, conversando, refletindo e resolvendo problemas. Temos que pôr a mão na massa, mexer e fugir. Professores na frente de um quadro negro falando para alunos sentados em fileiras nunca foi e nunca será a melhor forma de ensinar.

Diversas são as maneiras encontradas para incentivar os alunos a serem mais ativos diante dos processos de aprendizagem. Uma alternativa cada vez mais comum é o uso do computador e da internet nos ambientes de aprendizagem hipermídia, que tem como alguns exemplos os blogs, wikis, jogos educacionais e simuladores.

Ao encarar situações desafiadoras em jogos e simuladores, ou simplesmente ao navegar entre links de websites, o aluno precisa tomar certas decisões para continuar, senão não sai do lugar. Isso requer maior atitude e processamento mental, e colabora para a reflexão sobre as informações que surgem a sua frente. É melhor ir por este ou aquele caminho, e por quê? Quanto mais intenso for o trabalho cerebral nos estudos, com ponderações, observações e objeções, maiores são as chances do conhecimento permanecer na memória do estudante.

A hipermídia propõe a fusão de textos, imagens, som e vídeo de uma maneira interativa e não linear. Com essa técnica é possível conectar idéias apresentadas em diferentes meios para os estudantes navegarem pelas estruturas de informação da maneira e ordem que desejarem. Assim, interesses individuais de cada aluno guiam a exploração dos conteúdos, através dos diversos caminhos que esses materiais oferecem.

Além disso, artefatos hipermídia tornam os conteúdos mais atraentes e podem manter a atenção do estudante por mais tempo, já que fora da sala de aula os jovens estão inseridos num mundo rico em multimídias interativas, são acostumados a navegar na internet desde a infância e têm a possibilidade de não se adaptarem apenas ao uso do quadro negro, lápis e papel.

Os sistemas hipermídia são recursos didáticos interessantes porque têm a capacidade de motivar, atrair e envolver o aprendiz, proporcionando um estudo mais divertido e dinâmico.

Não devemos, entretanto, seguir apenas ao encontro da educação totalmente digital, cheia de estímulos midiáticos. A diversidade dos meios, processos e métodos de ensino enriquecem a educação, e a dosagem certa do uso da informática deve ser ponderada por professores, escolas e universidades.

Rafael Savi

Doutorando em Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC

<http://www>

Foto: www.sxc.hu

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

A hora e a vez das licenciaturas

Governo Federal cria programa para melhorar a formação de professores e o nível da educação básica no País



Fotos: Jones Bastos

Conhecer a realidade das escolas antes de sair da academia é essencial para os professores, entende o MEC

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Você sabe qual é atividade com maior defasagem entre o número de vagas e a disponibilidade de profissionais hoje no Brasil? Nem na indústria de base tecnológica, nem na esfera pública, nem na prestação de serviços, que se expande em todas as direções – o déficit mais acentuado está na quantidade de funcionários docentes para os ensinos fundamental e médio, sobretudo nas disciplinas de Física, Química, Biologia e Matemática. Nessas quatro áreas das Ciências Naturais e no conjunto das licenciaturas há em torno de 246 mil vagas a serem preenchidas no País, segundo estimativa do Governo Federal. É por isso que a chance de sair com emprego garantido de uma faculdade contempla muito mais os alunos dos cursos de licenciatura do que quem se forma em Medicina ou nas engenharias.

Por que, então, 2/3 dos acadêmicos de Pedagogia e de outras licenciaturas abandonam os cursos ou exercem outras profissões após deixarem as universidades? Um dos grandes problemas é a baixa remuneração e o pouco prestígio conferido à atividade do magistério, que já foi – e não faz tanto tempo assim – sinônimo de status e reconhecimento social. Outro fator relevante são as crescentes dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula – condições precárias de trabalho, excesso de alunos por classe e estudantes que chegam de casa cada vez mais rebeldes e despreparados porque os pais transferiram para as escolas a função não só de formar, mas de educar seus filhos.

Agora, depois de décadas de contínuo empobrecimento da qualidade dos ensinos básico e médio, o governo decidiu entrar no circuito e chamar à responsabilidade as universidades, de onde saem os profissionais que vão encarar a nova realidade das escolas brasileiras. Para reverter o quadro atual, o governo está investindo R\$ 75 milhões na capacitação dos professores dos cursos de licenciatura, com o objetivo de melhorar o nível da educação básica no País. Somente o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) receberá R\$ 39 milhões para 20 mil bolsas em 2008.

O programa prevê que IFEs e IFETs que tenham cursos de formação de professores farão convênios com as redes estaduais e municipais de educação básica. Cada estudante de licenciatura que passar metade de seu tempo nas escolas receberá uma bolsa de R\$ 300,00, o professor-supervisor (que vai orientar os alunos em práticas de sala de aula) terá direito de R\$ 600,00, enquanto o professor-coordenador de cada projeto vai obter uma bolsa



Capacitação de professores é a nova aposta do Ministério da Educação para melhorar o ensino no BR

Gargalos da educação básica

- * Falta de profissionais com licenciatura
- * Altos índices de evasão profissional
- * Formação universitária deficiente
- * Distância entre a universidade e as escolas
- * Salários baixos e condições de trabalho inadequadas

A situação atual

* O quadro de professores para as áreas de Física, Química e Matemática é o mesmo de 15 anos atrás. Como se formam somente 1.800 docentes por ano no País, seriam necessários 84 anos para suprir o déficit apenas em Física.

* Dados da Capes mostram que nos últimos 15 anos as universidades formaram 110 mil professores de Matemática, mas apenas 43 mil estão no magistério.

* A evasão é particularmente acentuada nos cursos de Física, onde apenas 41% dos que ingressaram nos últimos cinco anos foram até o final.

* A demanda pelo curso de Química aumentou 42% nos anos recentes, mas 85% dos profissionais que se formam não exercem a profissão, segundo dados do MEC.

* Estudo do Inep/MEC mostra que para uma demanda hipotética de 56.602 docentes com licenciatura em Física existem apenas 6.196 docentes com formação específica. Na Química, a relação é semelhante.

* Até 2010, a meta do Governo Federal é ter 12 mil vagas por semestre em cursos regulares presenciais de Química, Física, Matemática e Biologia nos IFETs.

* O aumento de 30 vagas na Pedagogia e a expansão de outros cursos de licenciatura sobrecarregam o CED/UFSC, que atende até 45% dos currículos dos cursos de História, Biologia, Ciências Sociais, Filosofia, Física, Química e Letras e atua com grande número de professores substitutos.



Foto: Cláudia Reis



Professores precisam lidar atualmente com problemas que não são apenas pedagógicos, mas sociais

mensal de R\$ 1.200,00.

Capiteado pelo MEC, este trabalho conta com a parceria dos Centros de Educação das universidades públicas brasileiras. Pela UFSC, quem vem acompanhando as reuniões é o diretor do CED, Carlos Alberto Marques. O próprio ministro Fernando Haddad tem se reunido com os diretores para discutir os projetos que visam à criação de um sistema nacional de formação de professores eficiente e afinado com os novos tempos.

"A meta é aproximar o ensino superior da educação básica, num processo difícil mas já em curso", diz o professor Marques. O MEC quer interferir diretamente nesse processo, começando pela criação de um ambiente de diálogo e de colaboração entre as esferas municipal, estadual e federal de governo, a partir da constatação de que é muito baixa a proporção entre professores formados pelas universidades e aqueles que lecionam nas escolas de ensino básico. Na visão do ministro Haddad, é preciso mudar de postura, para que a profissão de professor seja encarada como uma carreira de estado, estratégica para o País.

Essas bolsas são um dos trunfos do MEC para dar fôlego ao programa e reduzir a evasão dos estudantes durante a formação. "É uma forma de fazer com que nossos alunos conheçam melhor a profissão onde ela é efetivamente exercida", diz o diretor do CED. Na Grande Florianópolis, as reuniões nas escolas estaduais já começaram, e 17 delas haviam demonstrado, até o mês passado, interesse em participar do programa. "Em todo o Brasil, o desafio é monstruoso, mas a expectativa é grande e concreta", afirma Marques.

Medidas emergenciais e de longo prazo - Originário da UFSC, o diretor de Educação Básica Presencial da Capes, professor Dilvo Ristoff, diz que é preciso queimar etapas para que as licenciaturas deixem de ser os "primos pobres" dentro das universidades. "Temos que pensar programas estruturantes de longo prazo, mas também problemas emergenciais", afirma ele, informando que a falta de professores de Química e Física chega a 50 mil hoje no Brasil. No total das disciplinas, o percentual de licenciados em área específica que não atuam no magistério da educação básica é de 71,2%.

Para mudar essa situação, o governo também criou a chamada "nova Capes", que deixa de se ocupar apenas com a formação de mestres e doutores para investir na educação básica, adotando um olhar sistêmico e interdependente da educação infantil ao pós-doutorado. "Não queremos mais que nossos licenciados só descubram o que é uma sala de aula quando saírem da academia", diz Ristoff.



Aproximar o ensino superior da educação básica é um processo difícil, mas que já está em curso no Brasil

Estudantes americanos contribuem com projeto de telescópio robótico

Automação melhora condições de execução de projetos de longo prazo, como o monitoramento da evolução do brilho de estrelas e de galáxias

Arley Reis
Jornalista da Agecom

Em julho a UFSC recebe um reforço no projeto de telescópio robótico que desenvolve em parceria com o Laboratório Nacional de Astrofísica (LNA). A ajuda vem de seis estudantes norte-americanos que viajam para Florianópolis por meio de um intercâmbio financiado pela National Science Foundation (NSF), órgão equivalente ao CNPq brasileiro. A entidade direciona bolsas para que alunos de graduação dos Estados Unidos tenham oportunidade de uma experiência fora do país.

Na UFSC os estudantes norte-americanos serão integrados ao trabalho desenvolvido pelo Grupo de Astrofísica, ligado ao Departamento de Física. Estão previstos intercâmbios em 2008, 2009 e 2010, com estadias no Brasil de um mês e meio a cada ano. A primeira temporada está agendada para o período de 10 de julho a 20 de agosto.

Os estudantes vêm do campus de Oswego, da Universidade do Estado de Nova York, onde trabalha o professor Shashi Kanbur, colaborador do Grupo de Astrofísica da UFSC. São alunos de graduação de cursos como física, astrofísica e ciência da computação, que já estão estudando português e passando por seminários preparatórios em seu país.

“É interessante que estejamos capacitando estudantes de fora e também é útil que tenhamos a contribuição deles no projeto de telescópio robótico”, avalia Antônio Kanaan, professor do Grupo de Astrofísica da UFSC. “O trabalho será multiplicado por seis”, brinca o estudante Paulo Henrique Silva, “braço direito” de Kanaan na concepção e implementação dos sistemas computacionais de comando do equipamento.

Robotização - O projeto de telescópio robótico tem apoio do CNPq e do Instituto do Milênio Megalit (Instituto do Milênio para Evolução de Estrelas e Galáxias na Era dos Grandes Telescópios: Implementação de Instrumentação para o SOAR e GEMINI). O trabalho está

permitindo a automação de um equipamento de pequeno porte, de 40 centímetros de diâmetro, especialmente comprado para esse fim. O telescópio está no Observatório Pico dos Dias, em Itajubá, Minas Gerais.

Kanaan explica que um telescópio robótico é diferente, e bem mais complexo, do que um telescópio remoto. O remoto permite, basicamente, o controle à distância. Mas não dispensa a atuação do astrônomo no seu comando. Já o robótico, além de ser gerenciado remotamente, é um equipamento “inteligente”. Ele é capaz de abrir ou fechar a cúpula do observatório em condições climáticas adversas, de acertar a direção do alvo que deve ser observado e o foco. Além disso, atua de maneira autônoma na realização das observações, a partir de uma lista com seqüência de alvos e especificações.

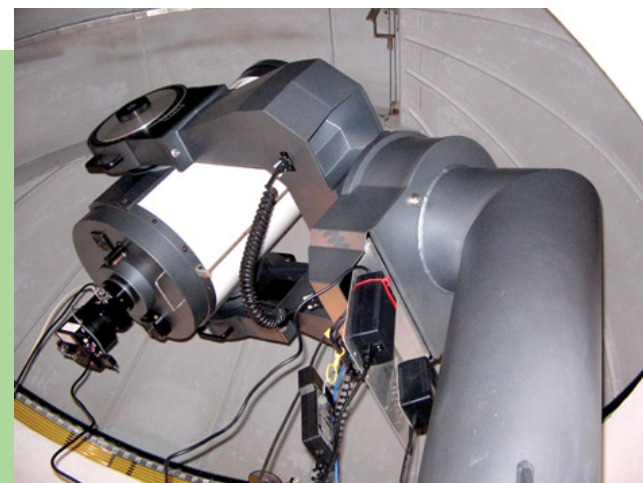
No projeto de telescópio robótico desenvolvido em parceria com o LNA, o sistema computacional responsável pelo funcionamento autônomo do equipamento está sendo desenvolvido na UFSC. Segundo Kanaan, um software básico de automação está pronto.

“Um dos aspectos mais importantes do sistema é que ele está com módulos bem organizados e permite que novas funções sejam acopladas. Além disso, chegamos a uma programação que é adaptável a outros telescópios”, explica o professor. Por ter esse desenho versátil, o sistema possibilita que os estudantes norte-americanos colaborem, participando de tarefas bem específicas.

“Chegamos a um ponto em que podemos delegar pequenas tarefas”, comemora Kanaan. “Eles também vão aprender o valor científico de um telescópio robótico”, complementa o astrofísico que estuda estrelas anãs-brancas e, em 2004, em um trabalho conjunto com Travis Metcalf, da Universidade Harvard, e Michael Montgomery, de Cambridge, nos Estados Unidos, participou da descoberta de uma estrela cujo núcleo, cristalizado, é um gigantesco diamante.

Os textos produzidos pelo Grupo de Astrofísica destacam que a robotização traz es-

O telescópio robótico é capaz de abrir ou fechar a cúpula do observatório em condições climáticas adversas e de acertar a direção do alvo que deve ser observado



A automação do equipamento possibilita melhores condições para execução de projetos de longo prazo e que requerem repetidas observações, como o monitoramento da evolução do brilho de estrelas e de galáxias

perança de que outras descobertas importantes no campo da astrofísica sejam possíveis. A equipe defende que equipamentos do gênero requerem investimentos de capital relativamente modestos e permitem realizar ciência competitiva e de alto impacto, complementar aos estudos realizados com grandes e caros telescópios de 8 a 10 metros de diâmetro.

A automação do equipamento possibilita melhores condições para execução de proje-

tos de longo prazo e que requerem repetidas observações – como o monitoramento da evolução do brilho de estrelas e de galáxias. Além de participarem do desafio de expandir essas possibilidades de estudos trabalhando no projeto de telescópio robótico, os estudantes americanos terão a oportunidade de conhecer a cultura da Ilha de Santa Catarina.

Mais informações com o professor Antônio Kanaan: kanaan@astro.ufsc.br

Intercâmbio para ampliar experiências dentro e fora da universidade

Rede de universidades da América do Sul possibilita crescimento humano e profissional de estudantes



Universitários brasileiros, mexicanos e equatorianos que realizaram intercâmbio em Córdoba (Argentina) no ano de 2007

Estudantes argentinos e chilenos no Restaurante Universitário da UFSC. Luciana, que escreveu a matéria, é a primeira à direita



Luciana Filippa

Estudante de jornalismo, intercambista argentina do programa AUGM - especial para a Agecom

Anualmente milhares de estudantes de diferentes latitudes do mundo buscam o desafio de fazer um intercâmbio acadêmico, a grande oportunidade de adquirir novas experiências educativas e culturais com universidades tanto no País quanto no exterior.

Os intercâmbios geralmente compreendem um semestre ou um ano acadêmico. Para isso criaram-se, em diferentes partes do mundo, organizações promotoras que contam com uma estrutura de recursos humanos responsáveis pela coordenação e planejamento das atividades. Exemplo disso é a Associação de Universidades Grupo Montevideo (AUGM), uma rede de universidades da América do Sul.

No caso da UFSC, esse suporte é realizado através do Programa Escala Estudantil, coordenado pela atual Secretaria de Relações Institucionais e Internacionais (Sinter), ex-Escritório de Assuntos Internacionais (ESAI) e que movimentam em cada semestre aproximadamente duzentos estudantes da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

O fato econômico, aliás, é um aspecto importante para muitos programas de intercâmbio. Como as universidades dispõem de fundos para programas de intercâmbio, tentam minimizar as dificuldades financeiras dos estudantes.

Intercâmbio em dois níveis - A experiência adquirida pelo intercâmbio oferece um crescimento tanto humano quanto profissional, já que proporciona o conhecimento de diferentes sistemas de educação e a participação de novas gerações de acadêmicos buscando soluções para problemas sociais. Ao mesmo tempo, permite que as universidades de origem e as de destino se integrem, construindo assim laços sociais e educativos, nem sempre visíveis, mas muitas vezes fortes e duradouros.

Caminhando pelas ruas do campus da UFSC, uma universidade que até então só conhecia através do site na

internet, Magali, estudante de Ciências Sociais, olhava quase assombrada para todos os lados, os olhos não pestanejavam nunca. Tudo parecia novo, diferente, porque nunca tinha caminhado por esse lugar. De repente, um pouco perdida, ela pergunta “Onde fica o curso de Ciências Sociais?”. Seu interlocutor, compreendendo o sotaque, indica logo o caminho.

Esse “pasmarse” constante talvez seja uma das impressões que predominam para os estudantes que assumem o desafio de um intercâmbio. O Brasil é atualmente o destino de milhares de intercambistas de diferentes partes do mundo. Acompanhando essa tendência, Florianópolis é receptora de estudantes que chegam da Argentina, Chile, Estados Unidos, Inglaterra, Uruguai, entre outros países. Os lugares de origem são diferentes, mas as razões que motivam o intercâmbio são similares. E depois de conversar com alguns, é possível dizer que os motivos que os impulsionaram vão desde conhecer culturas, realidades diferentes, sistemas educacionais, frequentar outra universidade, até aventurar-se em um novo desafio.

“Acho que conhecer realidades diferentes às nossas nos torna menos preconceituosos, coisa fundamental, especialmente para jornalistas. Essa foi a principal razão que me motivou”, diz Mayara Rinaldi, estudante do curso de Jornalismo da UFSC, que participou do programa de intercâmbio em Córdoba, Argentina. Além disso, acrescenta, viver em outro país e conhecer outra cultura “abre a cabeça dos jovens para novos horizontes. São muitos os amigos que fiz”.

Magali Alloatti, estudante do Curso das Ciências Sociais, da Argentina, comenta: “A partir das outras viagens que fiz, acho que um elemento fundamental que diferencia esta oportunidade é me encontrar inserida numa rede institucional, onde se abrem canais para um indivíduo poder desenvolver relações de índole singular. Um aspecto central é entender o marco cultural no qual o aperfeiçoamento acadêmico evoluiu”.

UFSC avança na busca de células-tronco em materiais alternativos

Pesquisadores da UFSC concentram estudos em materiais como folículos da pele de roedores, placenta, cordão umbilical e dentes humanos

Foto: Jones Bastos



Os professores Andrea Trentin e Marcio Alvarez-Silva: alternativas para as restrições legais

Arley Reis

Jornalista na Agecom

A restrição legal de pesquisas no Brasil com células-tronco embrionárias fez a Universidade Federal de Santa Catarina avançar em um campo alternativo: o estudo de células-tronco adultas. Derrubado somente em maio desse ano pelo Supremo Tribunal Federal (STF), o polêmico impedimento foi acompanhado por pesquisadores da UFSC que direcionam seu esforço de pesquisa na busca de células-tronco em materiais como folículos da pele de roedores, placenta, cordão umbilical e dentes humanos. Assim como as embrionárias, as células-tronco adultas representam esperança para a recomposição de tecidos danificados, tratamento de lesões no cérebro e de doenças como leucemia, entre outras.

As células-tronco obtidas a partir de embriões são preferidas por pesquisadores de todo o mundo, pois são as mais versáteis. São classificadas como totipotentes, ou pluripotentes, pois são curingas - podem se converter em vários tipos de tecidos. Mas, diante da proibição de estudos com material embrionário, que se prolongou no País por três anos, os trabalhos foram em frente com as células-tronco-adul-

tas, presentes em outros órgãos e tecidos. Uma das frentes de trabalho na UFSC permite que essas células sejam obtidas a partir de cordão umbilical e de placentas dos partos realizados no Hospital Universitário. Os pesquisadores estudam a transformação em dois tipos específicos de células-tronco: as hematopoéticas (ligadas à geração dos diversos constituintes do sangue) e as mesenquimais (que podem gerar células nervosas).

Uma das expectativas dos estudos é de

apresentar mais chances de serem bem aceitas pelo receptor.

Mas, aliada a essa vantagem há desafios. Um dos inconvenientes é o pequeno número de células-tronco hematopoéticas em cordões umbilicais e placentas. Para superar esse desafio, a UFSC investiu no desenvolvimento de um sistema de amplificação *in vitro*, capaz de dobrar ou mesmo triplicar estas células em laboratório.

"É uma tecnologia importante para a produção maciça de células", explica o professor Marcio Alvarez-Silva, do Laboratório de Neurobiologia e Hematologia Celular e Molecular, ligado ao Departamento de Biologia Celular, Embriologia e Genética da UFSC. Segundo ele, em pequena escala o sistema já funciona bem, tanto que há perspectivas de envolver nos trabalhos a Maternidade Carmela Dutra, uma das mais tradicionais de Florianópolis, onde o número de partos é superior aos realizados no HU. Os estudos que contam com recursos do CNPq e da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesc) já resultaram em dez artigos, quatro apresentados no Simpósio Internacional em Terapias Avançadas e Células-tronco - realizado no Rio de Janeiro - e outro em evento internacional promovido no Canadá.

Pesquisa pré-clínica - Com as células-tronco mesenquimais os resultados também são promissores. Os estudos já entraram em fase de pesquisa pré-clínica, em modelos animais. Como em estudos anteriores foram bem-sucedidos experimentos para diferenciação em células nervosas, agora estas vêm sendo enxertadas em camundongos. O objetivo é estudar seu potencial na regeneração de lesões no cérebro e em nervos periféricos.

De acordo com o professor Alvarez-Silva, as pesquisas ajudarão na busca de

malformações congênitas como, a anencefalia e a espinha bífida, entre outras, além de possibilitar o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas.

Andréa coordena também estudos para obtenção de células-tronco a partir de folículos da pele de camundongos. "O material deverá ser usado em estudos para recuperação de lesões nervosas em modelos animais", explica a pesquisadora. Pioneira na identificação e investigação de células-tronco adultas na UFSC, Andréa co-orientou uma tese de doutorado que representa outro avanço importante nesse campo - e com uso de outro material que iria para o lixo, assim como placentas e cordões umbilicais.

O trabalho foi realizado em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Odontologia, a partir de dentes obtidos com a autorização de pacientes que tiveram indicação de extração. Nesse material foram identificadas células-tronco, também cultivadas em laboratório. O trabalho foi referendado pelo meio científico e resultou na publicação de um artigo no *Journal of Periodontal Research*. Em breve os estudos devem passar à fase pré-clínica, em que estas células serão usadas para recuperação de lesões nervosas em modelos animais.

Também neste caso a proporção de células-tronco identificadas é pequena, e continuam sendo aprimorados os estudos para sua amplificação. O material tem potencial para diferenciação em osteoblastos (as células que geram o tecido ósseo) e células neuronais (que geram tecidos nervosos). A visão futura que estimula esse tipo de estudo leva em conta que um paciente poderia ser responsável pela doação de células para seu próprio tratamento - as células-tronco retiradas dos dentes poderiam ajudar a recuperar ossos fraturados ou lesões nervosas, por exemplo.

Perspectivas - Com a aprovação do uso de células-tronco embrionárias nas pesquisas brasileiras, novas perspectivas se abrem em laboratórios de todo o País - e também na UFSC. Em Santa Catarina, os pesquisadores nutrem a expectativa de que a Fapesc abra espaço para esse tipo de estudo em seus novos editais. Em nível nacional, uma das frentes de trabalho que deverá ser reforçada é a Rede Nacional de Terapia Celular, iniciativa que integra cerca de 40 pesquisadores do Brasil. O governo federal anunciou R\$ 21 milhões para a rede, que vai trabalhar com células-tronco embrionárias e também adultas.

"O Ministério da Saúde vê esse recurso como investimento. Há uma visão de aplicabilidade no SUS que é muito importante e ousada", comemora o professor Marcio Alvarez-Silva, único representante de Santa Catarina na Rede Nacional de Terapia Celular. Ele alerta que o Estado precisa se organizar para dar força à pesquisa com células-tronco e para preparar projetos que possam ser beneficiados com os recursos que serão destinados aos estudos nesse campo.

"Santa Catarina é um estado que tem visão tecnológica e não deve ficar para trás", avalia o professor que acalenta o sonho de que as pesquisas com células-tronco sejam ampliadas e permitam inclusive que o Estado possa, no futuro, pleitear junto ao Ministério da Saúde recursos para implantação de um Centro de Terapia Celular.

A aprovação do uso de células-tronco embrionárias nas pesquisas brasileiras deverá reforçar a Rede Nacional de Terapia Celular, iniciativa que integra cerca de 40 pesquisadores do Brasil

que as células-tronco hematopoéticas facilitem transplantes de medula. Atualmente há no Brasil pelo menos 1.500 pacientes portadores de leucemia (câncer que compromete o desenvolvimento dos glóbulos brancos) e de outras doenças genéticas e auto-imunes que necessitam de um transplante de medula óssea e não têm doador compatível. Estes pacientes estão cadastrados em uma fila de espera do Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (Redome). Segundo o Instituto Nacional de Câncer, serão diagnosticados este ano 9.540 novos casos de leucemia em todo o País, sendo 380 em Santa Catarina.

Além de apresentar uma esperança diante da falta de doadores, as células-tronco adultas podem possibilitar redução de até 50% nos índices de rejeição em relação a um doador adulto. Isso porque elas são "imaturas" imunologicamente: estão em um estágio muito primário de desenvolvimento e

respostas a diversas questões. Entre elas, se o enxerto deve ser no local da lesão, ou inoculado no sangue, por via intravenosa, e quantas células são necessárias para recuperar uma lesão, por exemplo. "Há também previsão de testes para avaliar o uso de células-tronco na recuperação do AVC (acidente vascular cerebral), talvez já no próximo semestre", informa o professor.

Experimentos com dentes - A UFSC atua também com modelos de biologia do desenvolvimento, mostrando como se dá o processo de formação de embriões em modelo animal (embriões de camundongo e de aves), conhecimento no campo da biologia que é fundamental para o trabalho com células-tronco. São estudos direcionados ao entendimento e controle *in vitro* dos mecanismos de divisão e diferenciação das células-tronco. De acordo com a professora Andrea Gonçalves Trentin, essas pesquisas irão contribuir para o entendimento da causa de muitas

Campus implanta primeiro Museu de Ciência em Santa Catarina

Potencial de encantamento de oito equipamentos interativos será usado para popularização de conceitos da Física

Um giroscópio, uma bicicleta suspensa, uma cadeira auto-elevatória, gangorras, balanços e refletores parabólicos mudaram a paisagem do campus universitário nas proximidades do Planetário e do Observatório Astronômico. Montados no mês de junho, oito brinquedos interativos de grande porte são o início de um espaço de ciência na UFSC. A iniciativa associa a possibilidade de que a universidade amplie suas atividades de divulgação ao desafio de sensibilização de autoridades para a construção do primeiro museu de ciência do Estado – o

Parque Viva a Ciência, projetado para o aterro da Baía Sul, em Florianópolis.

Enquanto a proposta do parque é articulada em diferentes setores, a UFSC monta seu cantinho da ciência. Ele faz parte do projeto Espaço de Ciências e Artes, financiado com recursos do CNPq e da Finep, coordenado pela professora Thereza Christina Monteiro de Lima (ex-pró-reitora de pesquisa da UFSC) e executado pela professora Débora Menezes, atual pró-reitora de Pesquisa e Extensão. Com os oito brinquedos, adquiridos de fabricantes que produzem materiais para museus de ou-

tros estados, a UFSC vai incentivar crianças e adultos a tomarem contato com conceitos importantes, curiosos e complexos da Física.

Mas, explica Nelson Canzian da Silva, um dos professores envolvidos com o projeto, não há a expectativa de que a visita seja uma aula sobre acústica, gravidade, ressonância magnética ou oscilação. "Há diferentes filosofias relacionadas aos parques de ciência", lembra o professor que há anos se preocupa com a popularização de conceitos da física.

Segundo ele, uma concepção bastante

comum leva em conta que as pessoas não vão a um museu para aprender sobre Física ou outra ciência. É preciso dar ao visitante a liberdade de ser guiado por sua curiosidade e, se ele quiser dirigir perguntas aos monitores, procede dessa forma. Ou simplesmente experimenta e interage com aquilo que chama mais sua atenção, fica sensibilizado com os equipamentos e acaba tomando contato com um novo vocabulário. Assim o processo lúdico e de encantamento com os equipamentos pode funcionar como uma introdução ao mundo da ciência. **(A.R.)**



Equipamentos instalados na UFSC

- Giroscópio
- Bicicleta Suspensa
- Cadeira Auto-Elevatória
- Balanços Desiguais
- Gangorras assimétricas
- Conjunto de Tubos Seletores de Frequência
- Tubos de Atraso de Som
- Refletores parabólicos

O Parque Viva a
Ciência

A proposta do Parque Viva a Ciência é implantar, no aterro da Baía Sul, em Florianópolis, nas proximidades do Armazém Vieira e do Terminal Urbano do Saco dos Limões, um espaço voltado para o lazer, a educação e a divulgação científica.

À frente da iniciativa está a Associação Parque Viva a Ciência, uma instituição sem fins lucrativos, criada em 2006 para articular pessoas e recursos necessários à criação de um museu de ciências interativo em Florianópolis. Através da associação, a proposta vem sendo negociada junto a diversas instâncias, entre elas Prefeitura Municipal de Florianópolis, Câmara de Vereadores, Governo do Estado, Assembléia Legis-

lativa e Governo Federal.

A iniciativa prevê a construção de um Centro de Divulgação Científica, com espaços para exposições permanentes e temporárias, com instalações e equipamentos interativos sobre temas da Antropologia, Biologia, Engenharia, História, Física, Matemática e Química. O centro deve também abrigar biblioteca, auditório, salas de aula e laboratórios. O projeto do parque inclui ainda a implantação, no mesmo terreno, de um Planetário, pistas para caminhadas, ciclovia, praça de esportes, parque infantil, lanchonete, restaurante e estacionamento.

Sepex será realizada na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

Expectativa é ampliar as atividades e superar o número de visitantes ao evento que integra ciência e cultura no campus universitário

Este ano o principal evento direcionado à divulgação da UFSC em suas diversas áreas de atuação terá dimensão nacional. Agendada para o período de 22 a 25 de outubro, a Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (Sepex), que chega à sétima edição, será realizada no período da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

Assim como o evento criado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (este ano com o tema Evolução & Diversidade), a Sepex tem como objetivo mobilizar a população em torno de temas e atividades que valorizem a atitude científica, a criatividade e a inovação. A partir de uma grande estrutura montada em frente à reitoria, o encontro dá visibilidade às realizações da universidade em estandes interativos e exposição de banners, organizados nas áreas de tecnologia, meio ambiente, saúde, direitos humanos, comunicação, cultura e educação.

Em 2008 uma das atividades conjuntas será o 18º Seminário de Iniciação Científica, direcionado à divulgação e avaliação dos trabalhos de estudantes de graduação, os 'jovens cientistas' da UFSC. Este ano mais de 600 estudos deverão compor a mostra, que é também um momento de avaliação dos acadêmicos que contam com bolsas de iniciação científica. O campus universitário abrigará também na estrutura da Sepex a 3ª Feira de

Ciência e Tecnologia das Escolas Estaduais, criada para mostrar como a ciência e a pesquisa vêm sendo trabalhadas no ensino médio e fundamental de Santa Catarina.

Como nos anos anteriores, a Sepex abrirá espaço para minicursos, oferecidos gratuitamente à comunidade, por professores, servidores técnico-administrativos e estudantes da UFSC. Em breve os prazos e as orientações para apresentação de propostas serão disponibilizadas. Na sexta edição mais de seis mil pessoas participaram de 188 minicursos.

A 7ª Semana de Ensino Pesquisa e Extensão também vai incluir shows musicais, apresentações folclóricas, de teatro e mostra de filmes, entre outras atividades. Na sexta edição circularam pelo pavilhão principal da Sepex 47 mil pessoas, da comunidade universitária e externa. Pessoas de todas as idades visitaram os estandes interativos e uma mostra com 1,3 mil painéis. A expectativa é de que a cada ano estes números sejam superados. **(A.R.)**

Na 6ª Sepex, realizada em 2007, circularam pelo pavilhão principal cerca de 47 mil pessoas de todas as idades



Foto: Paulo Noronha

A poesia das formas animadas se materializa em Florianópolis

Segunda edição do Festival Internacional de Teatro de Bonecos, o Fita, leva espetáculos de 17 grupos do Brasil e exterior a 12 diferentes pontos da Capital

Fotos: Divulgação



O Ratinho e a Lua e O Incrível ladrão de calcinhas também participaram da segunda edição do Fita



Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

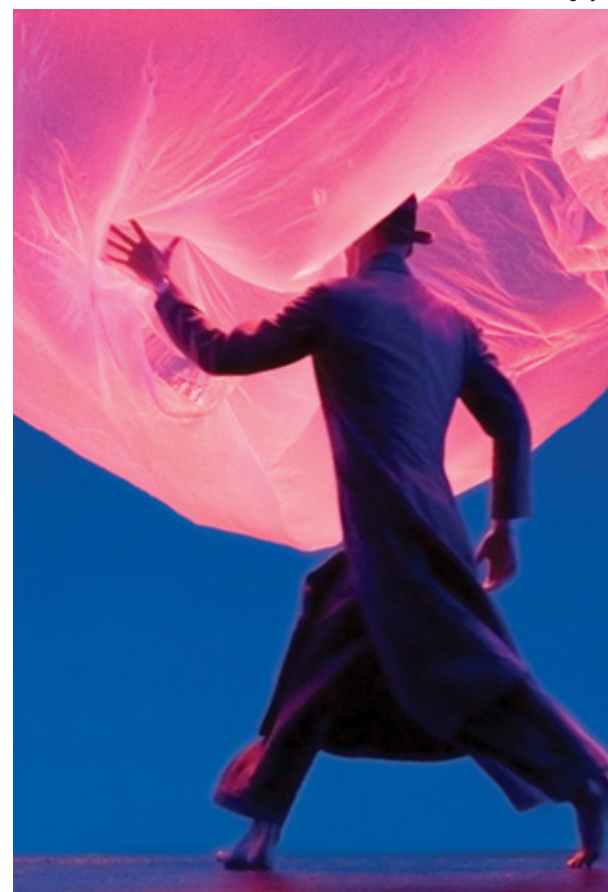
Os olhos de Sassá Moretti e Zélia Sabino brilham quando estimuladas a falar do Festival Internacional de Teatro de Bonecos, o Fita, cuja segunda edição foi realizada entre os dias 18 e 22 de junho em Florianópolis. Não que tudo tenha ido bem – ao contrário, parte do patrocínio foi aprovado às vésperas do evento e o pagamento de grupos e profissionais envolvidos ocorreu depois do fim do festival. O que empolga as duas – idealizadora e coordenadora geral e coordenadora executiva, respectivamente – são os resultados, a receptividade dos espetáculos, a reação dos espectadores, a alegria das crianças no Hospital Infantil, a empolgação nos espaços abertos por onde o festival se ramificou, no centro e em diferentes bairros da Capital. Cerca de 15 mil pessoas acompanharam as apresentações em 12 pontos da região.

Ainda que esteja apenas no segundo ano, o Fita fortalece a posição de Santa Catarina no mapa brasileiro das formas animadas, depois que Jaraguá do Sul e Rio do Sul, ainda no início desta década, criaram eventos voltados para esse tipo de manifestação artística. Professora da Udesc, Sassá Moretti também acompanha os avanços das artes cênicas no meio acadêmico, incluindo a própria universidade onde leciona e o recém-criado curso de bacharelado na UFSC. Na Universidade do Estado, um grupo de pesquisa vai todo ano a Jaraguá para acompanhar e analisar os espetáculos.

Além disso, a revista Móin-Móin dá vazão à produção conceitual e há trabalhos, como o do pesquisador e bonequeiro William Sievert em Rio do Sul, que criam raízes e estimulam a fundação de pólos de produção em diferentes partes do Estado. Espremido entre outros eventos artísticos de peso – como o Festival Isnard Azevedo, o FAM e a Mostra de Cinema Infantil –, o Fita tem a vantagem de fazer parte do circuito dos festivais de formas animadas no País, que contemplam as cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Canela (RS). “Entrar nesse roteiro barateia o nosso festival, porque dilui os custos com os espetáculos que vêm de fora”, diz Sassá. “Jamais teríamos condições de trazer a companhia de Philippe Genty sem o circuito”, reforça Zélia Sabino.

Este ano, o Fita teve os patrocínios da Caixa Econômica Federal, da Eliane Revestimentos, do Guaraná Antártica e do Funcultural, com apoio do DAC. Vieram companhias da França, Hungria, Bélgica e Argentina/Chile, além de seis grupos nacionais e sete de Santa Catarina. As apresentações foram realizadas no Centro de Cultura e Eventos da UFSC, Teatro do CIC, Teatro Álvaro de Carvalho, Teatro da Ubro, largo da Alfândega, Casarão da Lagoa, concha acústica da UFSC, Orionópolis, hospital Joana de Gusmão, Espaço Cultural Angeloni (Beira-mar Norte) e Centro de Criatividade em Arte (Cria), no bairro Jardim Atlântico.

A preparação para o 3º Fita, em 2009, começa logo, com a apresentação do projeto aos editais e leis de incentivo. “As escolas já querem saber quando será a terceira edição, porque desejam colocar o festival em seus calendários anuais”, diz Sassá Moretti, empolgada com o crescente êxito de sua iniciativa.



A companhia francesa de Philippe Genty trouxe cor e emoção com *La Fin des Terres*



Telessaúde entrega equipamento ao HU

- Em solenidade realizada em junho no Hospital Universitário da UFSC, foi oficializada a implantação, em nove estados da Federação, do projeto-piloto Telessaúde, dos ministérios da Saúde e Ciência e Tecnologia. Em Santa Catarina, a iniciativa integra uma rede que vai capacitar e dar suporte a médicos e paramédicos do Programa Saúde da Família (PSF), abrangendo inicialmente 100 pontos de rede em 50 cidades, dentro de uma política de assistência e prevenção. Profissionais dos núcleos de saúde vão participar de cursos de curta duração a distância e os municípios envolvidos no projeto piloto receberão um kit para exames de dermatologia.

O equipamento entregue aos gestores que participaram da implantação do projeto permitirá a conexão das equipes à rede do Programa Nacional de Telessaúde. Nos municípios, os profissionais de saúde poderão trocar informações e discutir diagnósticos com colegas em Florianópolis nas áreas de clínica geral, pediatria, dermatologia, odontologia e informática. Segundo a gerente de Operações do Setor de Informática e Telemedicina, sediado no HU, Harley Miguel Wagner, a segunda etapa do projeto vai se concentrar na realização de palestras e cursos transmitidos na web. Os primeiros cursos serão sobre questões relacionadas à diabetes e à hipertensão arterial.

Por José Antônio de Souza/ Jornalista na Agecom

O voto universitário em discussão

- Uma abordagem crítica sobre a última consulta à comunidade universitária para a escolha do reitor e vice-reitor da UFSC é a o que domina o livro “O preço do voto – Os bastidores de uma eleição para reitor”, organizado pelo professor Waldir José Rampinelli, que foi lançado em junho pela editora Insular. Em 14 artigos, a obra procura demonstrar que houve, a exemplo do pleito de 2003, o uso da máquina administrativa para conduzir uma corrente conservadora à Reitoria. “A junção do conservadorismo, quando não do reacionarismo, com a utilização da estrutura de poder gerou o medo, produzindo novamente um resultado anunciado”, escreveu o organizador na apresentação da segunda edição do livro. Esta edição surge revisada e ampliada em relação à anterior, que igualmente questionava o processo eletivo que conduziu, à época, o reitor Lucio José Botelho e o vice-reitor Ariovaldo Bolzan à administração da universidade.

Os artigos falam de questões como o envolvimento de servidores com cargos comissionados na campanha, o papel da comunicação durante o processo eleitoral e os meandros do poder dentro da UFSC. No prefácio, o professor Lúcio Flávio de Almeida, do Departamento de Política e Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, qualifica a nova edição como uma “combativa e sofisticada reflexão crítica acerca dos rumos da universidade brasileira”. E o candidato derrotado na última eleição, Nildo Ouriques, fecha o livro questionando os “sete mitos sobre a universidade”: excelência, pluralismo, neutralidade científica, liberdade intelectual, incompatibilidade entre mérito e democracia, internacionalização e universidade-empresa.

Por Paulo Clóvis Schmitz/ Jornalista na Agecom



Direitos do autor e interesses públicos

- A UFSC sediou em junho o 2º Congresso de Direito de Autor e Interesse Público, que fez parte do Fórum Nacional de Direito Autoral, organizado em parceria com a Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e com o apoio do Ministério da Cultura. Para o coordenador do Programa de Direito Autoral do MinC, Marcos Alves de Souza, o evento inovou em temas nunca discutidos antes e no conhecimento de uma política autoral baseada nos interesses públicos.

Alves de Souza anunciou que o Ministério da Cultura, através do Fórum de Direito Autoral, vai promover até 2009 uma série de oficinas que pretendem viabilizar políticas estratégicas para valorizar a criação no País. Entre os painéis do congresso destacaram-se “A Sociedade Digital e o Consumidor”, com o professor José de Oliveira Ascensão, da Universidade de Lisboa, e “Tecnologia da Informação e Direito Autoral”, apresentado pelo professor Manoel J. Pereira dos Santos, da FGV/GVLAW.

Por Paulo Fernando Liedtke/ Agecom

Seis meses de ações afirmativas na Universidade

Na UFSC, o programa começou a ser pensado em 2006 durante um debate sobre as relações raciais e políticas de educação no País

Cecilia Cussioli

Bolsista de Jornalismo na Agecom

A Universidade Federal de Santa Catarina prepara-se para encerrar o primeiro semestre depois de adotar o sistema de cotas. O próximo passo é verificar se os objetivos foram alcançados sem comprometer a qualidade de ensino da universidade.

Depois de dois anos elaborando uma proposta de ações afirmativas, o vestibular de 2008 da UFSC foi o primeiro de uma universidade catarinense a adotar este tipo de política de acesso. O programa reserva 30% das vagas de cada curso a candidatos que cursaram o ensino fundamental em escola pública. Dessa porcentagem, 10% são destinadas aos autodeclarados negros. Os candidatos indígenas contam com cinco vagas suplementares para os melhores colocados.

No primeiro semestre de 2008 foi possível constatar que o perfil da UFSC está mudando. Das 4.095 vagas oferecidas, 1.211 foram preenchidas por candidatos de escola pública, negros e indígenas. Em anos anteriores, o número de calouros vindos da escola pública não passava de 25%; agora são 35%. Entre os alunos negros, a porcentagem aumentou de 7% para 18%. Segundo o presidente da Comissão de Acompanhamento do Programa de Ações Afirmativas, Marcelo Tragtenberg, a proposta era igualar a demanda de alunos da escola pública com os egressos na universidade. "É uma questão de proporcionar oportunidades a todos. Em uma sociedade que não é justa, a universidade, como um órgão público, tem que encontrar maneiras de reduzir as diferenças", explica.

De acordo com a resolução normativa 008/2007 da universidade, o Programa de Ações Afirmativas têm um prazo de cinco anos para se ajustar. No final desse período, a questão volta a ser avaliada pelo Conselho Universitário. Para Milton Muniz, membro da comissão do programa desde seu início, o tempo é suficiente para se analisar não só a aplicação das cotas institucionalmente como também na sociedade. "Nada que muda uma rotina tem aceitação imediata. É preciso ter paciência e avaliar. As cotas irão servir exatamente para colocar a questão da desigualdade de acesso na pauta da sociedade", avalia.

A Comissão de Acompanhamento das Ações Afirmativas não registrou, até o momento, qualquer denúncia formal de preconceito contra os alunos egressos através de cotas. O que não faltam são reclamações contra o sistema. A principal delas é a preocupação com uma possível queda

na qualidade de ensino. Tratenberg não considera o argumento válido, uma vez que os candidatos que se beneficiam das cotas têm que atingir um número mínimo de pontos. "Só poderemos comparar o rendimento dos cotistas com os demais alunos no final deste semestre, mas já estamos oferecendo apoio pedagógico para todos os estudantes que sentirem dificuldade nas matérias". Em parceria com o cursinho da UFSC, aulas de conteúdos básicos são oferecidas para auxiliar todos os alunos da universidade, procurando diminuir o número de evasões e a repetência.

A questão jurídica também é recorrente. Em janeiro deste ano, uma liminar suspendeu as cotas na UFSC a pedido de uma ação civil. No mesmo mês o Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF 4) derrubou a liminar e permitiu que os alunos cotistas realizassem suas matrículas. Alguns processos ainda estão em andamento, mas a UFSC garantiu o direito de adotar a política de acesso.

Constitucionalmente, toda universidade brasileira tem autonomia em relação a suas políticas de seleção. O novo presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), Amaro Henrique Pessoa Lins, é contra o Projeto de Lei nº 73/1999, que prevê a implantação das cotas em todas as universidades públicas brasileiras, por comprometer essa autonomia. "Acho que esta decisão tem que ficar a cargo de cada instituição, considerando as características de cada região. Com uma lei federal todas as universidades terão que adotar um mesmo sistema", justifica. O Projeto de Lei tramita há quatro anos na Câmara e agora depende da indicação de algum líder para entrar em pauta.

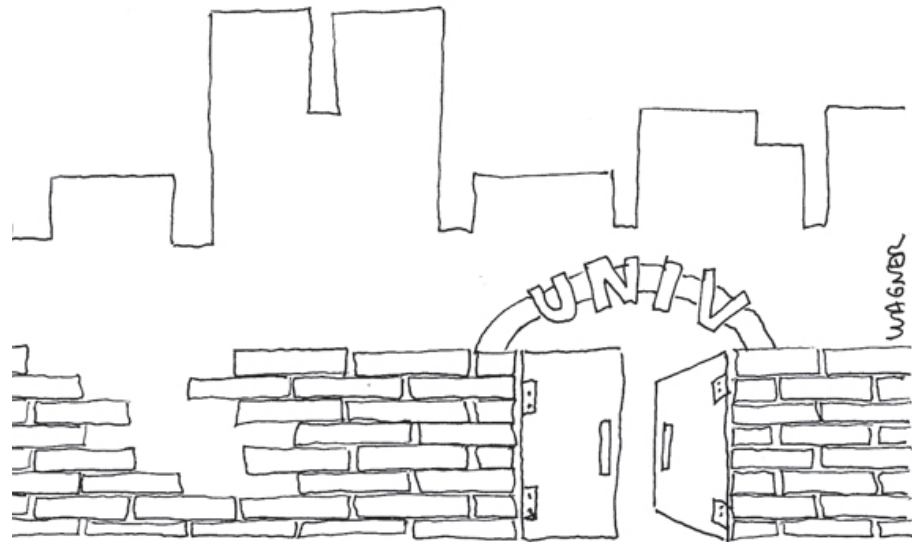
Atualmente mais de 50 instituições públicas de ensino superior possuem políticas afirmativas, cada uma adaptada à sua realidade. Na UFSC o programa começou a ser pensado em 2006, durante um debate entre as relações raciais e políticas de educação no País, no 1º Colóquio Brasileiro do Pensamento Negro na Educação. Um ano após a Comissão de Elaboração do Programa de Ações Afirmativas lançou uma proposta similar àquela que seria aprovada quatro meses depois pelo Conselho Universitário.

Para os próximos vestibulares, o presidente da Coperve (Comissão Permanente de Vestibular), Júlio Szeremeta, adianta que pouca coisa irá mudar: "O vestibular ainda é o mesmo. A única coisa que iremos fazer é um trabalho mais intenso de divulgação em escolas públicas".

Foto: Jones Bastos



Marcelo Tragtenberg apresenta o acompanhamento que a Comissão fez do programa de ações afirmativas na reunião da Reitoria com os pró-reitores



"É uma questão de proporcionar oportunidades a todos. Em uma sociedade que não é justa, a universidade, como um órgão público, tem que encontrar maneiras de reduzir as diferenças"

Marcelo Tragtenberg

Racismo?

Moacir Loth

Jornalista na Agecom

A UFSC, após calorosos debates e profundos estudos, resolveu, até com algum atraso, acompanhar outras importantes universidades públicas do País e aderir ao Programa de Ações Afirmativas, adotando igualmente o sistema de cotas para oriundos de escolas públicas (20%), negros (10%) e cinco vagas para indígenas. Embora, em termos de justiça social, a iniciativa não signifique sequer um pingão no oceano, a opção mexeu com o brio e feriu de morte a arcaica elite barriga-verde, provocando, sem tréguas, uma onda de ações nada afirmativas da classe média. Somam mais de 40 as ações judiciais tentando vedar as portas da universidade para os pobres. A reação não é apenas individual, mas parte de entidades privadas e, pasmem, até de um procurador. Um sujeito, por exemplo, inscrito nas cotas pública acionou a Justiça para eliminar os negros. Tal incoerência tem nome! A universidade, amparada pela Constituição de 1988, felizmente, não tem sucumbido à pressão cega de uma minoria egoísta e cruel.

Os brancos lideram os assassinatos, mas são os negros que morrem mais, mofam nas cadeias, penam nos morros e nas ruas, lideram o analfabetismo e o desemprego e continuam subjugados até quando encontram trabalho. Esse é o presente, mas é o passado que não quer, não deve nem pode calar. São séculos de espoliação, escravidão e humilhação. Nada paga, apaga ou aplaca essa história de dor e sofrimento (nem mesmo as cotas). Mas as ações afirmativas, nesse contexto adverso, podem ser uma vela acesa no escuro.

Vistos e lembrados apenas nos momentos de festa, carnaval, esporte, música e dança, explorados nos seus talentos e encantos, prisioneiros de um sistema perverso que lhes reserva migalhas e

rouba a cidadania, os negros poderão sonhar com novas oportunidades e possibilidades. Por que retirar do negro também o direito humano ao ensino superior público? Por que o rico, bem formado pela escola privada, não vai estudar na universidade paga, que em SC é excelente e orgulho do Estado?

É evidente que o ensino fundamental público precisa melhorar para que todos tenham acesso à educação de qualidade. Só que isso vai demorar uma eternidade. Ademais, o desempenho acadêmico dos cotistas vem correspondendo às expectativas das universidades e do governo. Os poucos contemplados pelas cotas não são maricianos. São Sosas, Silvas, enfim, cidadãos com nome e sobrenome, mas que não detêm os mesmos direitos de uma elite branca, egoísta, injusta e cruel, quando não contemplativa e excêntrica.

O racismo anda solto. É quase onipresente. Até entre os negros, que, aliás, precisam brigar, botar a cabeça de novo para fora! Disfarçado, está vivo e é eficaz. Frio e calculista, mantém suas vítimas amarradas ao tronco. A Lei Áurea parece que

ainda não saiu do papel nem baixou em SC. Os brancos privilegiados daqui não aceitam nem entregar os anéis. A classe média, pasmem, parece querer a volta da escravidão!

A mobilização intransigente de parcela da "nata" catarinense contra as cotas pode estar sendo movida, salvo melhor juízo,

pela chama do racismo. As cotas precisam de mais Assembléia, Executivo, Judiciário, Ministério Público, universidades, sindicatos, entidades e movimentos populares e sociais. A causa ainda não ganhou caráter político, carecendo de uma melhor articulação, inclusive dos próprios movimentos negros. Políticas públicas e justas não se fazem só com palavras e discursos. Dependem de ações. Afirmativas!

(Publicado originalmente em A Notícia e reproduzido no Boletim da Apufsc e nos sites da Andifes e do Jornal da Ciência)

Livros livres: Biblioteca democratiza leitura na Capital

Através da participação da campanha "Doe possibilidades. Doe um livro", a BU arrecadou cerca de 1.500 exemplares, que foram doados para a Penitenciária de Florianópolis e para biblioteca na Barra da Lagoa

Foto: Jones Bastos



Narcisa Amboni: "as doações fazem com que o conhecimento não se limite ao campus universitário"

Jéssica Lipinski

Bolsista de Jornalismo na Agecom

A Biblioteca Universitária (BU) doou cerca de 1.500 livros para a Penitenciária de Florianópolis, através do projeto Epopéia Literária, criado pelas faculdades CESUSC, e para Wagner de Souza, 14 anos, que mantém uma biblioteca no bar de seu pai, na Barra da Lagoa.

Os livros, arrecadados pela campanha "Doe possibilidades. Doe um livro", abrangem diversas áreas, como literatura, filosofia, história, auto-ajuda, saúde, enciclopédias, entre outros. A entrega das obras foi feita nas próprias instituições, que receberam cerca de 500 cada uma. Os livros rasgados, fungados ou riscados serão enviados para reciclagem.

De acordo com a diretora da BU, Narcisa

de Fátima Amboni, as doações trazem benefícios não só para as instituições que recebem os livros, mas também para a BU. Para Narcisa, estas doações ajudam a divulgar a biblioteca, além de exercitarem o crescimento social daqueles que contribuem, seja doando, seja participando da entrega. "Desta forma, o conhecimento contido nesses livros não se limita ao campus universitário", completa.

Atualmente, a biblioteca conta com quase 350 mil exemplares disponíveis para empréstimo. São, em média, 1.500 livros emprestados por dia. Além disso, a BU

é visitada por cerca de 3500 estudantes diariamente, só perdendo para a biblioteca da Universidade de Brasília (UnB) no quesito visitação.

A primeira doação foi feita à Penitenciária. O carro com as caixas de livros chegou ao local e funcionários da BU e da Penitenciária descarregaram as obras. A biblioteca da Penitenciária tem um acervo de aproximadamente cinco mil exemplares, além de cerca de 250 VHS e DVDs.

A pedagoga que trabalha na penitenciária, Ana Paula Cabral, diz que a maioria dos presos demonstra ter respeito com a biblioteca. "Para alguns, o livro é o único companheiro que eles têm aqui", comenta. Como alguns dos presidiários às vezes não podem ir até a biblioteca da Penitenciária para pegar exemplares emprestados, foi criada a bibliocesta, uma cesta com livros que a

pedagoga leva pelas celas para que os presos peguem as obras. Atualmente, Ana Paula atende a cerca de 260 presos com a bibliocesta. Para ela, este é um ótimo índice, principalmente levando-se em conta que são aproximadamente mil presidiários, e que muitos não sabem ler.

Por outro lado, alguns dos presos mantêm uma média de leitura bastante alta, chegando a ler um livro por dia, como é o caso de Fábio Ricardo Amorim. Fábio está na penitenciária pela segunda vez, diz que seu ritmo de leitura é assim desde que esteve preso pela primeira vez e que gosta muito de romances policiais e de livros de investigações "A leitura é um modo de fugir do ambiente aqui", diz ele.

Outro caso de um índice alto de leitura é o de Wanderley Müller Pickler, que lê de cinco a seis livros por mês. Wanderley está preso há um ano, e diz que lê mais na penitenciária do que quando estava solto. Para ele, a leitura leva sua imaginação aonde ele quer, e não há limites, nem mesmo as grades que o prendem. "A leitura abre caminhos tanto intelectuais quanto espirituais para um futuro melhor, novos horizontes, novas esperanças", reflete.

O segundo beneficiado foi o projeto *Epopéia*, desenvolvido pelas faculdades CESUSC. O projeto tem quase um ano e consiste em montar um estande no Terminal de Integração de Santo Antônio (TISAN), de forma que os usuários do terminal podem pegar livros emprestados enquanto esperam o ônibus. O viajante pode levar o exemplar para casa, e não há prazo de devolução. A coordenadora do projeto, Ana Claudia Oliveira da Silva, diz que é mais importante que as obras circulem do que sejam devolvidas. De acordo com Ana Claudia, não há um controle rígido sobre os livros: tudo funciona na base da confiança dos usuários. "O importante é fazer o livro circular, fazer com que as pessoas entrem em contato com a literatura. Nós preferimos não



Foto: www.sxc.hu

colocar um bibliotecário cuidando porque acreditamos que poderia inibir as pessoas. Muitos não se sentem dignos de pegar um livro emprestado", conta Ana Cláudia. O projeto arrecada exemplares para a minibiblioteca através de doações de outras bibliotecas, de escritores e de alunos da CESUSC, que cobra as multas de atraso da biblioteca com outras obras ao invés de dinheiro. Além do estande no TISAN, o Epopéia também leva livros e outros auxílios a presídios de Florianópolis.

Por fim, a campanha "Doe possibilidades. Doe um livro" levou exemplares para Wagner de Souza, que aguardava do lado de fora de sua casa. Ele conta que a idéia de fazer a biblioteca surgiu porque a comunidade da Barra da Lagoa não possuía nenhum tipo de área de lazer. Antes, a biblioteca funcionava do lado de fora de sua casa. "Mas era ruim, chovia, molhava tudo. Daí tinha que pegar o ferro e passar", explica o garoto. Hoje, a Biblioteca Pública da Barra da Lagoa funciona durante o dia no bar de seu pai e, segundo Wagner, é freqüentada principalmente por crianças. A menina Kelly, de 5 anos, ainda não sabe ler mas garante que gosta dos livros: "Eu adoro ver os Dálmatas e a Cinderela também", conta.

A diretora da BU afirma que a próxima campanha a ser feita pela biblioteca será uma arrecadação de agasalhos para creches e instituições do gênero.

Informações: 3721-9310 ou dau@bu.ufsc.br e narcisa@bu.ufsc.br.

DVD exhibe práticas e rituais da cultura afro na Grande Florianópolis

O material tem como objetivo servir de apoio para as aulas sobre a cultura negra e sua influência na formação do povo brasileiro



Por quase 300 anos, cerca de 4 milhões de africanos foram trazidos como escravos para o Brasil. Deles tiraram quase tudo. Uma única coisa não lhes foi tirada, a fé em seus Deuses. Hoje ainda lutam para manter vivas as lembranças de sua cultura e crença, travando combate contra os seus maiores inimigos, o preconceito e a ignorância.

Paulo Clóvis Schmitz

Jornalista na Agecom

Lançado no Centro de Cultura e Eventos da UFSC, para um público aproximado de 500 pessoas, o DVD "A cultura afro-brasileira em busca da identidade perdida" traz uma importante contribuição para o debate sobre a discriminação que ainda relega a um plano secundário as manifestações da cultura afro no Brasil. A própria realização do documentário, que tem duração de 48 minutos e levou seis meses para ficar pronto, foi uma maratona que contou com o esforço de Apolônio Antônio da Silva, trabalhador lotado na Reitoria, e da produtora e gravadora Imagem Livre, comandada por Fabian Mondini, além de ajudas esparsas e do apoio da ONG União de Cultura Negra em Santa Catarina (Uniafro).

A intenção dos realizadores é conseguir patrocínio para replicar o DVD de forma a levá-lo para todas as escolas públicas e privadas, que agora têm a obrigação curricular de transmitir aos alunos informações sobre a cultura negra e sua influência na formação do povo brasileiro. "Ao contrário do ensino religioso tradicional, as manifestações afro-religiosas têm pouco material disponível e por isso o documentário pode ser útil como instrumento pedagógico para as escolas", diz Apolônio da Silva. O ideal seria uma parceria que financiasse a reprodução e distribuição de cópias para todo o Estado. O contato com as secretarias municipais para oferecer o produto é um dos próximos passos dos realizadores.

O DVD reúne o depoimento de dez pessoas, entre elas o professor da Udesc e pesquisador Luiz Carlos Canabarro Machado, o pai Juca, ialorixás e babalorixás, zeladores e filhos de santo. Eles focam suas análises sobre a realidade de Florianópolis e Santa Catarina, mas a situação se aplica a todo o País. Nos depoimentos, eles falam do racismo no

Brasil (problema que não extirpou a fé dos descendentes de africanos), da discriminação dos rituais afro e das informações erradas disseminadas através dos tempos acerca de divindades e figuras das religiões negras. "O que propagamos é a paz, a saúde e a prosperidade", afirma o pai Juca no documentário.

O cerne do DVD são as questões religiosas da cultura afro, a partir da palavra de sacerdotes da religião na Grande Florianópolis, manifestações como a umbanda e o candomblé de Angola. São mostradas casas de santo que congregam famílias e comunidades próximas, pais e mães de santo que abrem terreiros e disseminam as manifestações religiosas afro no âmbito das famílias e comunidades. "As células crescem e resultam em outras, que nascem dentro e fora das mesmas comunidades", diz Apolônio da Silva.

Houve cultos e orixás que se perderam com o passar dos séculos, porque deixaram de ser lembrados em vista do esquecimento provocado pela força da cultura europeia dominante. E não foram poucos os casos de invasões de cultos e prisões de praticantes pela polícia, em várias partes do País, por considerar as sessões como macumba e feitiçaria. Até barracões foram incendiados por membros da cavalaria policial. Para muitos depoentes no DVD, falta união entre os grupos, o que enfraquece o movimento.

"Na África muitas coisas do passado deixaram de existir, e é nosso papel tentar resgatar o que restou, dentro de uma nova identidade, trazendo-as para cá", diz Apolônio. "Antigamente, nada era escrito, mas muitos rituais ainda se mantêm. Por outro lado, o candomblé, por exemplo, é igual aqui e no Recife".

Mais informações podem ser obtidas no site www.uniafro.com.br ou com Apolônio Antônio da Silva, pelo fone (48) 9114-5905.

Arte da capa Adriana Lazarrotti



Imagem Livre
Produtora de Vídeos



Ombudsman

O JU é um luxo!

O resultado do plebiscito de maio sobre o destino da Furb foi um espanto! 94,5% dos que responderam a pergunta disseram que querem uma Universidade Federal na cidade. É coisa que alguns se adiantaram pra dizer que isso revela a credibilidade da instituição pública federal, mas que cá entre nós, não passa mesmo de desespero de quem não tem outra saída. A Universidade daqui é pública municipal no bem-bom (do servidor receber) e privada na hora do "vamos ver" (do aluno pagar). Assim não tem futuro. Esta história de "caminho para o bret", do efeito manada empurrando para o desconhecido (sente o clima!), obrigou a gente a olhar "com outros olhos" para o outro lado da ponte. A UFSC é aquele parente que não vemos por aqui há décadas, mas que agora temos mais vontade de visitar. Afinal, se é tão bom (depois do Lula) pra eles, por que não pode ser pra nós? Na primeira bisbilhota tudo parece diferente. E é, mesmo. O Jornal da Universidade vem na frente porque conheço há anos. Você olha, não tem site atraente, os alunos não estão lá, os servidores não falam, a reitoria não diz nada, os assuntos são acadêmicos, tudo muito no etéreo, subjetivo e distante. Bem escrito, mas interminável. Começa e acaba igual. Faltam pessoas e interatividade nas suas páginas. Falta assunto do dia-a-dia, informação generalizada e serviços. O projeto gráfico lembra o tempo de quando o Moacir Loth trocou Blumenau por esta maravilha de Ilha (o que faz a nós todos morrer de inveja). Assim, saímos do espanto do ple-



Plano de Saúde ganha adesão - p. 3 e 4 Aborto: o tabu que mata - p. 8 A loucura fora das paredes - p. 10

biscito e caímos neste novo mundo federal. É, no mínimo, estranho. É claro que a idéia de jornal que temos é bem diferente. A Furb, para saber, fechou o seu há dois anos para conter despesas. Trocou por um *Em Dia* físico que vem grampeado na folha de pagamento do servidor. Comparando, o *JU* é um luxo! Mas não quero falar só da Universidade. A visão de jornal que temos (até porque edito um) é que precisa ter um objetivo, uma função, um mercado e, claro, precisa de grana para pagar as contas. E isso sem leitor não dá. O *JU* passa esta idéia de ser feito independente da opinião de quem lê. E agora que enforquei o *JU* em público, sinto o fim se aproximar. Qual vai ser meu destino quando a Federal chegar?

Luiz Mund

jornalista da Furb, diretor da Mundi Editora que edita 11 revistas e a *Folha de Blumenau*.

As garças

As garças voltaram!
Branças, onduladamente,
pousaram no meu coração.
O lago as recebeu em silêncio
na cidadania.
As flores, com liberdade.
Os olhos acompanharam seu vô suave
ao campus,
ao paciente e indiferente estar
para as fotos do Jones.

Todos sorriram para as garças
com alegria!

As garças brancas vieram saciar a fome
na praça da cidadania.
Comeram os peixes do lago em liberdade
enquanto houve.
Ilustraram catálogos, agendas, o Jornal Universitário.
Penetraram no livro da criação latinoamericana
de Rodrigo de Haro
bicando uma cobra coral.
E depois partiram
pelo mesmo vô branco, ondulado, suave,
para os lados do mangue do Itacorubi.

Todos sentiram saudades das garças!

As garças vão e voltam
como as idéias, os sentimentos
e os sonhos suaves, ondulados, brancos
da imaginação.
Só permanecem enquanto gostam
do silêncio, das flores, do alimento,
da efêmera felicidade.
Mas o vô das garças alcança o infinito
da liberdade e da cidadania.

Todos perguntam quando
as garças voltarão!

Antônio Diomário de Queiroz
Florianópolis, 31/10/95.



Foto: Jones Bastos



Foto: James Tavares

Açores sempre



Foto: Jói Cletison

Herança Açoriana é a exposição que fica aberta à visitação do público até o dia 29 de agosto no Espaço Cultural do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA), no campus da UFSC.

São 18 fotografias de Jói Cletison, que celebram os 260 anos da chegada desses imigrantes ao litoral catarinense, onde 45 cidades tentam preservar os traços culturais há nove gerações. As comemorações incluem também palestras, debates e oficinas. Realizada pelo NEA, a exposição é uma promoção da Secretaria de Cultura e Arte e conta com apoio do Governo Autônomo dos Açores.

Carência de quatro anos para incentivo à qualificação deixa de existir - Com a edição da Medida Provisória número 431, publicada em 14 de maio de 2008, que dispõe sobre a reestruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação, de que trata a Lei 11.091, de 12 de janeiro de 2005, entre outras carreiras, deixou de existir a carência de quatro anos de efetivo exercício no cargo para a concessão do Incentivo à Qualificação. A informação é da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social da UFSC.

JU dos leitores

"Obrigado por colocarem no site da Agecom/UFSC a matéria sobre o documentário por nós produzido. Logo foi colocado e já está rendendo frutos.

Obrigado de coração aos amigos.
Axé e Luta!!!

Apolônio Antônio da Silva"

N.R.: Leia reportagem na página 9.

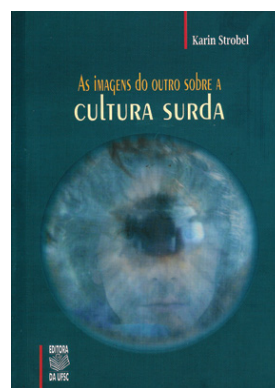
UFSC mais uma vez no Top of Mind

A UFSC foi novamente distinguida com o *Top of Mind*, uma promoção conjunta do jornal *A Notícia* e o Instituto Mapa. Marca campeã no segmento Universidade, a Instituição recebeu o prêmio em concorrida solenidade realizada no dia 25 de junho na Fiesc. O certificado foi recebido, em nome da UFSC, pelo vice-reitor Carlos Alberto Justo da Silva (Paraná). "É o reconhecimento à qualidade e à divulgação da sua produção científica, tecnológica e cultural", resumiu.



Foto: Felipe Christ

A imagem do outro sobre a cultura surda



A Editora da UFSC lançou o livro "As imagens do outro sobre a cultura surda", de Karin Lilian Strobel, que tem uma longa história de envolvimento com os movimentos que lutam pelo reconhecimento da língua de sinais e com outras mobilizações que permitiram avanços na compreensão dos chamados "estudos surdos".

O livro traz uma série de questionamentos e reflexões acerca da forma como a sociedade vê os indivíduos surdos. Um dos capítulos se ocupa dos vários artefatos culturais do indivíduo surdo que o diferenciam dos sujeitos ouvintes. Um exemplo é a experiência visual, que analisa o uso da percepção proporcionada por outro sentido (a visão) para ler nos movimentos dos lábios do interlocutor as palavras e frases que este articula.

Na obra, Karin Strobel sugere que os sujeitos ouvintes interessados em se aproximar da cultura surda visitem e freqüentem suas comunidades, ou seja, associações, igrejas, convenções, escolas de surdos, teatros e eventos esportivos onde elas se reúnem. Considera importante também respeitar e valorizar as peculiaridades do povo surdo, investindo numa construção intercultural, na troca e na aproximação harmoniosa entre as duas culturas.

O agitador cultural Dinovaldo Gilioli resolveu, finalmente, colocar na rua o seu primeiro livro de fôlego. *Cem poemas*, publicado pela EdUFSC dentro da Coleção *Ipsis Litteris*, expressa beleza e sensibilidade, recheados com fina ironia e humor. Abarca temas sociais, políticos e de amor. Dino, como é conhecido, é um poeta conciso, sutil, lúdico e crítico. "Escrevo com a palavra gasta, e não gasto o gosto de escrever", assinala.

Tema antigo adaptado

se for para o bem
de todos

diga ao povo
que o circo
está pegando fogo

Poesia



Descobrimos o mar

Vinculado durante anos à Comunicação Institucional da UFSC, o Projeto Larus revolucionou a educação ambiental no Estado e no País

Texto e diagramação: Thiago Santaella
Bolsista de Jornalismo da Agecom

1982, quatro câmeras jogadas no Departamento de Patrimônio da UFSC, uma delas lacrada, prestes a virar sucata. Na mesma universidade, dois estudantes de Biologia, Alcides Dutra e Jorge Freitas. Dos rolos de filme 16mm, formato lançado em 1923 para o mercado de cinema amador, surgem dois documentários de 40 minutos que colocam o Projeto Larus como pioneiro na produção de vídeos de educação ambiental no País. Antes, só material estrangeiro, principalmente da BBC, sobre ecossistemas estranhos ao Brasil. *O fascinante mundo das Ilhas Costeiras* (82), e *Os seres do mar* (84), são transmitidos no horário que a verba permitia pagar: de madrugada.

O primeiro leva ao projeto pesquisa e documentação da fauna das ilhas, iniciado em 1988, que mais tarde serviu como base científica para sustentar a importância da criação da Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, aprovada em 90. Já o segundo tem como um dos desdobramentos um telefonema do comandante da base aérea. Ele ligou para informar que estava desistindo da ideia de aterrar todos os mangues que vão da região central da ilha até o aeroporto. O comandante contou que tinha uma visão errada sobre o mangue, e que ela mudou com o programa. O documentário mostrava que o ecossistema mangue só existe até a Ilha de Santa Catarina, mais ao sul ele deixa de aparecer. No Brasil, é uma formação que vai do Amapá até Santa Catarina e é considerado como um grande berçário natural por oferecer condições ideais para reprodução, eclosão, criadouro e abrigo para aves, peixes, moluscos e crustáceos.

As respostas aos documentários deram força à frase que acabou virando o slogan do Larus: - Porque ninguém preserva o que não conhece. A falta de informação gera a desvalorização do meio ambiente. Freitas explica que é difícil provar a importância da conservação, principalmente para as comunidades mais tradicionais, como os pescadores. Porém, "a imagem fala alto", e muitas vezes quem estava destruindo vira alguém que preserva. "Quando uma rede fica presa no fundo do mar em uma pedra, por exemplo, aquela rede que é feita de nylon vai continuar pescando ali infinitamente; peixes e até lagostas", que vão tentar se alimentar dos peixes presos. O nylon é um material que demora mais de 500 anos para se decompor. "Nunca partimos do princípio de que tem

que proibir. Eles decidem o que fazer com a informação". E normalmente a decisão é corrigir o erro. Pescadores que viram o programa que tratava do assunto entraram em contato com o Larus para saber o que fazer. Acabaram não trocando o material da rede, por causa da praticidade, mas agora evitam pescar nos locais em que as redes normalmente ficavam presas.

Os estudantes Alcides e Jorge começaram o projeto com financiamento público, foi o primeiro feito por alunos que conseguiu aprovação através de um ministério no Brasil. Hoje, completando 25 anos, o Larus, que, depois de deixar de ser vinculado à es-



Foto: Divulgação

Freitas fotografa em um dos mergulhos do Larus na Ilha do Arvoredo

"Ninguém preserva o que não conhece. A falta de informação gera a falta de valorização"

trutura de Comunicação Social da UFSC (Agecom), passou a instituto em 93, é uma ONG que se mantém com as próprias pernas. "Faz 12 anos que não é usado nenhum dinheiro público", ressaltou Dutra, que continua servidor da UFSC. De comprador de horários na televisão para transmitir os programas, passou a receber para produzir a série *Redescobrimos o mar*, transmitida pela RBS aos sábados, entre setembro e novembro. Para esse ano serão três produções. A única definida até agora enfocará a distribuição de sementes de duas variedades de ostras nativas pelo Laboratório de Moluscos Marinhos da UFSC, para mostrar a importância social do cultivo marinho.

Depois de mais de 12 mil horas de pesquisas, roteirização, gravações e edição, em cerca de cem filmes produzidos (com durações de 1 minuto a 1 hora) e nas diversas séries para tevê, o Larus continua com o projeto dentro da universidade, mas em

escala menor. De 89 a 90, havia dez pessoas diretamente envolvidas trabalhando no projeto dentro da Agecom/UFSC. Agora, no instituto são cinco pessoas e o convênio entre a universidade e o Larus é feito através da Coordenadoria de Gestão Ambiental. Dutra acredita que essa ligação é importante porque a universidade abre possibilidades de informação fidedigna e de qualidade. "O Larus é filho da UFSC; e a relação materna não se perde por causa da maioridade".

Além da produção de vídeos, o Larus já realizou outros projetos em conjunto com a UFSC. "Em 1996, cada professor tratava os temas ambientais conforme sua opinião, conforme ele achava. O Estado de SC era uma verdadeira torre de babel, com cada professor tentando transmitir aos alunos coisas que ele em muitos casos nem dominava, mas que achava ser de uma forma ou de outra", assinala Dutra. Para contribuir com a solução deste problema, o

Instituto Larus, em parceria com a UFSC, implantou em Santa Catarina o Programa Estratégico da Capacitação em Educação Ambiental, que recebeu o apelido de Viva a Floresta Viva. Foram capacitados 1.037 professores e técnicos de todo o Estado. Depois, cada professor voltou para sua região de origem e capacitou os professores de lá. O instituto estima que, com o efeito cascata, em torno de um milhão de estudantes tenham sido educados a partir desse método, desenvolvido pelo professor Daniel Silva, do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental, que também foi coordenador do programa. Com isso, Santa Catarina foi o primeiro estado brasileiro a implantar um programa de educação ambiental, mais de um ano antes do programa nacional liderado pelo MEC, que também contou com a contribuição do Larus em sua implantação.

Outro projeto na área de educação ambiental foi o "desenvolvimento de uma metodologia que possui um nível de mobilização nunca antes alcançado no mundo". A metodologia, desenvolvida em 99 pela professora Rosemy Nascimento, do Departamento de Geociências da UFSC, consiste em permitir que os estudantes do ensino fundamental produzam seus próprios vídeos sobre o meio ambiente. "De espectador, alunos passam a produtores dos vídeos, que no final passam até no cinema. Claro que em uma sessão às 9h30 da manhã, mas é uma sala de cinema", salienta Dutra. A eficiência em mobilização, quando aquela pessoa adota alguma atitude visando à preservação do meio ambiente, passou de 2% para incríveis 60% com o novo processo. A iniciativa rendeu ao instituto uma premiação da ONU.

No início da década de 80, quando os catarinenses começaram a ver os mergulhadores do Larus na TV, alguns decidiram começar a mergulhar. Essa demanda era absorvida por empresas pequenas e mal-estruturadas, o que gerava altos riscos de acidentes. O Larus, com a coordenação de Freitas, decidiu montar uma escola de mergulhadores e o mercado passou a ter uma base metodológica nesse ensino. Para poder competir, as empresas passaram a oferecer um produto de melhor qualidade e hoje a escola não é mais necessária. O Larus formou cerca de mil mergulhadores sem nenhum acidente. Alguns mantiveram contato com o instituto e, como conta Freitas, "são muitos desses ex-alunos da escola que fazem as filmagens submarinas para as novas produções do instituto". Assim como o Larus não deixou de ser filho da UFSC, os mergulhadores continuaram filhos do Larus e vinculados funcionalmente à universidade.



Foto: Thad Zajdowicz/www.sxc.hu